

LUÍS DELGADO AFIRMA QUE SÃO INSTITUIÇÕES TECNICAMENTE FALIDAS

Misericórdias com dificuldades

► As Santas Casas da Região participaram num estudo levado a cabo pela União das Misericórdias. Mais de metade das Misericórdias do país depara-se com problemas financeiros.

CARLA SOUSA
csousa@noticiasdamadeira.pt

Os principais problemas com que as Misericórdias da Madeira se deparam prendem-se com aspectos económicos e financeiros. De acordo com o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Machico, Luís Delgado, «este é um problema geral das Misericórdias em Portugal». Como argumenta o responsável, «quanto menor é o património das Santas Casas, maior é o grau de dificuldade que têm para gerir as valências que estão montadas».

Além de apontar as dificuldades financeiras, o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Machico refere que muitas vezes os idosos que chegam às Santas Casas «vêm num estado de degradação relativamente acentuada», isto é, quando estão dependentes ou com problemas de saúde. De acordo com Luís Delgado, «as Santas Casas da Misericórdia, não sendo instituições de Saúde», cada vez mais têm de prestar cuidados de saúde. No entanto, como refere o responsável, «é cada vez mais caro, porque é preciso médicos, enfermeiros, medicamentos», uma série de coisas para fazer face a esta realidade, pois, como afirma, «a nossa população é dependente», lamenta. Desta forma, na opinião de Luís Delgado, «estamos a prestar dois serviços», pois além de man-

ter os idosos «o mais comodamente possível» nesta ponta final da vida, «fazemos com que não haja uma sobrecarga da nossa parte em relação ao Centro Hospitalar do Funchal», mais precisamente às urgências. Infelizmente, hoje em dia, manter um idoso numa instituição sai muito caro. Como o próprio provedor afirma, «custa 340 contos uma cama». Se uma cama é subsidiada, como Luís Delgado exemplificou, «por 104 contos/mês pela Segurança

Apesar de enfrentarem problemas financeiros, as Misericórdias da Região são de qualidade

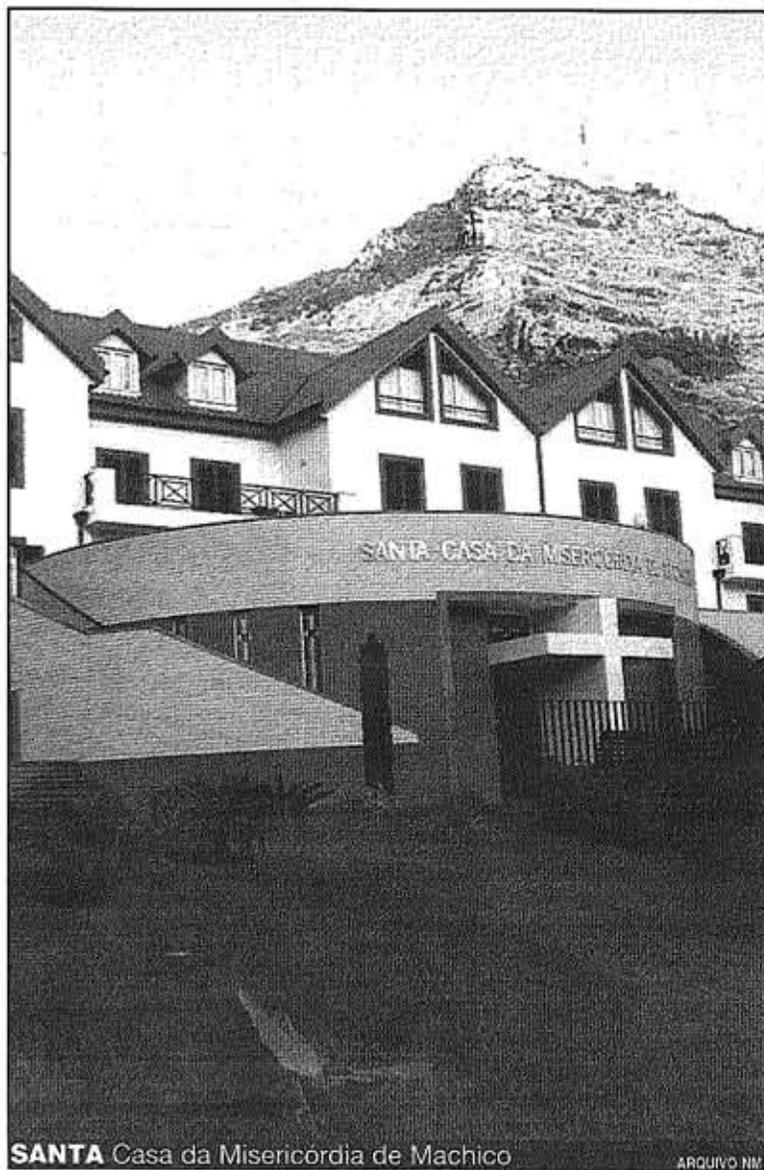
Social», é necessário arranjar duzentos contos. Assim sendo, «fazemos das tripas coração para resolver estes problemas», lamentou, acrescentando que «é por estas e por outras que as Misericórdias são instituições tecnicamente falidas».

De acordo com o provedor, «hoje em dia, as Misericórdias são empresas sociais que têm uma vivência altamente personalizada», até porque, se não fosse personalizada, «não funcionavam». Considerando que a Região «dá boa resposta aos uten-

tes», ao contrário da realidade de outras Misericórdias do país, que se deparam com problemas relacionados com recursos materiais, humanos e formação de pessoal, Luís Delgado lamenta que «cada vez menos as pessoas têm tempo para o voluntariado».

Tendo em conta uma realidade que «não é do conhecimento geral», como o próprio provedor da Santa Casa da Misericórdia de Machico reconhece, que se prende com o facto de «muita gente pensar que as Santas Casas recebem dinheiro do jogo», isto é, do Totoloto e do Totobola, Luís Delgado afirma que «esse dinheiro é dividido pelos clubes e muitas vezes nem chega ao social». No entanto, há quem afirme que «não dou dinheiro às Misericórdias porque elas recebem dos jogos». De acordo com o responsável pelas misericórdias na Região, trata-se de uma «falsa questão».

As Misericórdias da Madeira participaram num estudo levado a cabo pela União das Misericórdias Portuguesas, intitulado "As Misericórdias Portuguesas na Assistência aos Idosos", no qual, num total de 390 Santas Casas existentes em Portugal, responderam ao inquérito apenas 216,96 por cento dos provedores, afirmaram que as Santas Casas enfrentavam dificuldades aos mais diversos níveis, sendo que mais de metade das Misericórdias do país diz ter problemas financeiros.



SANTA Casa da Misericórdia de Machico

ARQUIVO NM



DISCÓRDIA nas estradas do Porto da Cruz

ARQUIVO NM

ENTRE OS SÍTIOS DA MAIATA E A CRUZ DA GUARDA

Estrada insegura

Os moradores da Cruz da Guarda e da Maiata, na freguesia do Porto da Cruz, estão revoltados pelo facto de a estrada de ligação entre estes dois sítios não oferecer segurança.

Como afirmou um dos moradores, que preferiu manter o anonimato, «a estrada é um perigo porque não tem iluminação nem tem protecção nas bermas». Devido à sua localização, pois fica mesmo à saída da via expresso, é «uma zona muito movimentada». De acordo com o nosso interlocutor, o caminho «oferece perigo não só para quem circula a pé como também para quem circula de carro».

No entanto, a estrada em questão «tem iluminação e protecção só numa determinada parte», de maneira que metade da via «não tem condições para andar». Sobre este aspecto, o presidente da

Junta de Freguesia do Porto da Cruz referiu que «a Câmara, a pedido da Junta, pôs luz nesta zona para desenrascar uma casa que não tinha luz». Intrigado com a atitude dos moradores, Manuel Spínola revelou que «esta não é a única estrada da freguesia que não tem iluminação», acrescentando que «não sei porque é que não reclamaram na altura da anterior vereação». Ainda assim, o presidente da Junta referiu que «a Câmara ainda muito tem feito», pois, como afirma, «para pôr luz é preciso que haja dinheiro». Garantindo que «as muralhas de protecção existem nas zonas onde a estrada oferece maior perigosidade», Manuel Spínola concluiu que «as coisas vão ser feitas com calma e quando houver dinheiro».

CARLA SOUSA